

RAQUEL VARELA e ROBERTO DELLA SANTA

BREVE HISTÓRIA  
DE PORTUGAL

*A Era Contemporânea (1807-2020)*



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2023

## ÍNDICE

Agradecimentos.....	15
Introdução.....	17
«Conhece-te a ti mesmo» .....	17
Sul do Norte e Oriente do Ocidente.....	25
Uma transição ibérica hipertardia .....	27
Os intempestivos costumes .....	31
«A história é o que dói» .....	33

### I

#### OS BURGUESES E OS TRABALHADORES EM PORTUGAL, DE ONDE VÊM?

Os burgueses.....	41
<i>Queimada!</i> .....	41
As classes sociais .....	44
« <i>The Making of the Portuguese Bourgeois Class?</i> ».....	48
A acumulação primitiva.....	49
«Não se pode servir a dois senhores» .....	52
Invasão ou revolução? .....	56
Da ocupação inglesa à Revolução de 1820.....	59
As revoluções do Sul da Europa.....	61
Uma «guerra social prolongada» do Sul.....	63
Portugal como «via prussiana» .....	67

Golpe de Estado.....	72
Os trabalhadores .....	75
A expropriação dos camponeses .....	80
A eliminação dos forais .....	85
De quem é a caça?.....	86
«Foge cão que te fazem barão/ Para onde se me fazem visconde?».....	87
A venda dos bens nacionais.....	90
«Mão-morta» .....	91
«A mais importante das alfaias agrícolas é a lapiseira»?.....	93
A expropriação dos artesãos .....	99
Guildas medievais.....	100
Reconhecimento: para quê, para quem? .....	104
A crise dos mestres artesãos.....	106
A extinção das corporações e o seu significado histórico.....	108
O Estado Novo <i>versus</i> as corporações medievais .....	111
Artífices do atraso? .....	114
«Portugal, produtor de homens»? .....	116
Quem pode trabalhar e em quê?.....	118
Força de trabalho na longa duração .....	121
O exército industrial de reserva .....	130
«Organizem-se, organizem-se, organizem-se!».....	134
<i>A Liberdade Guiando o Povo</i> .....	134
«Vós sois muitos, eles são poucos!».....	136
A Revolução de Setembro de 1836 .....	142
O massacre do Rossio .....	144
«Uma ideologia popular autónoma».....	148
Da Maria da Fonte à crise de 1870.....	151
As revoluções de 1848: «macaqueando o que houve em França»?.....	155
As primeiras greves.....	160
A associação .....	163
A Regeneração .....	167
O liberalismo ibérico .....	172

## II

### «NÃO MAIS DEVERES SEM DIREITOS»:

#### BURGUESIA E OPERARIADO ENFRENTAM-SE 1868-1926

Crise, guerra e revolução: a tríade da história contemporânea.....	179
A revolução ibérica e a Comuna de Paris (1868-1973).....	181
O imperialismo moderno.....	185
«A Internacional será o género humano».....	187
O Programa da AIT.....	191
Contra a caridade, a solidariedade .....	194
Greves: «os costumes franceses vão-se tornando cada vez mais nossos».....	196
«A causa de uns é a causa de todos».....	201
Fundos de greve .....	202
Significado das greves.....	204
Sindicalismo .....	209
Direitos .....	211
As Conferências Democráticas .....	212
Esfera pública, imprensa e organização política.....	216
Das Avenidas Novas às «ilhas» do Porto.....	223
Educação: para quem e para quê?.....	228
Saúde coletiva e reprodução social .....	235
A «questão social».....	238
1.º de Maio: «o tempo contra o tempo» .....	244
A génese da política moderna .....	246
Ultimato e republicanismo.....	252
A legislação antianarquista .....	255
O trabalho forçado .....	259
O sindicalismo revolucionário.....	263
Da Primeira República à Ditadura Militar: uma situação pré-revolucionária?.....	269
Da Primeira Guerra à Revolução Russa .....	279
Da <i>Batalha</i> à Ditadura .....	286
Qual regime? .....	291

III  
«ALEGRIA NO TRABALHO»,  
A BURGUESIA VENCEDORA (1926-1974)

Da Ditadura Militar ao Estado Novo .....	297
A Crise de 1929 e a «austeridade» de Salazar .....	300
A revolução espanhola .....	304
O fascismo em Portugal.....	307
O PCP e os «comícios-relâmpago» .....	314
Disciplinar a força de trabalho, proibir sindicatos e greves operárias .....	316
A Ação Católica.....	323
Do modernismo ao neorrealismo .....	326
A Segunda Guerra Mundial.....	332
Da Segunda Guerra Mundial às revoluções anticoloniais (1945-1961).....	337
As revoluções anticoloniais .....	341
O <i>annus horribilis</i> de Salazar .....	346
As cheias de 1967 e a «Nova Esquerda».....	349
Canção de protesto .....	355
«No conforto pobrezinho do meu lar».....	357
Porque durou tanto? .....	361

IV  
QUANDO O IMPOSSÍVEL SE TORNA INEVITÁVEL:  
1974-1975

«O povo já não tem medo».....	373
A prefiguração em ato: «O Futuro Era Agora».....	375
O caos e a violência?.....	381
Da revolta à revolução.....	383
A estrutura e a agência, ou uma dança a dois?.....	388

## V

## «PORTUGAL NÃO, EUROPA NUNCA»: 1975-2008

A contrarrevolução democrática 1976-1986.....	395
De Lisboa a Moncloa, 1975-1986.....	395
«Por Este Rio Acima».....	400
A crise de 1981-1984.....	408
A Lisnave, os nossos «mineiros ingleses».....	410
A «Europa Connosco»?.....	416
A crise de 2008-2013.....	423
Um retrato social.....	436
Ideias e movimentos igualitaristas: um internacionalismo?.....	441
Posfácio – Um livro necessário ou «o que é que Portugal tem?» .....	453
Notas.....	459
Bibliografia.....	505

## INTRODUÇÃO

### «Conhece-te a ti mesmo»

Um dia, o neurologista Oliver Sacks<sup>1</sup> tratou um paciente sem noção do passado. Tinha perdido a memória. Só se recordava de episódios, alguns deles, longínquos. Sem ideia do passado imediato, era um homem *sem história*. Tinha de estar internado, uma vez que constituía um perigo para si próprio. Vivia em reclusão, por falta de memória.

Sergei Krikalev, cosmonauta, tornou-se famoso não só por ter abraçado uma profissão «do outro mundo», mas porque em 1990 estava na Estação Espacial MIR, e aí ficou 311 dias, enquanto a União Soviética se desintegrava. Quando regressou, não tinha vivido a história e, por isso mesmo, encontrava-se sem presente, até sem país ou nacionalidade. A cidade onde ele tinha nascido, Leninegrado, era agora São Petersburgo. A sua história foi contada num documentário: *Out of the Present* (1997).

Sem a história estamos fora do presente e, por isso, do futuro – a consciência histórica reconcilia-nos com nós próprios. Não como um tribunal ou um divã, mas com as possibilidades efetivas da transformação social. Para isso quisemos contribuir com este livro. Ser e estar no presente exige-nos confrontar o passado para perspetivar o futuro. E o ponto de partida para fazê-lo é este: qual é a história da formação social à qual se pertence? É preciso conhecer a própria história para ser parte dela como sujeitos.

O volume que o leitor tem diante de si foi elaborado a partir de três convicções dos autores: em primeiro lugar, todos os homens e

mulheres são intelectuais, ainda que nem todos desempenhem a função de intelectual. O ato de pensar e de agir, de forma criativa e autônoma, está inscrito em todas as áreas da atividade humana, desde os fundamentos da linguagem até à divisão do trabalho – e em todas as esferas relevantes da vida.

Esta premissa, otimista, não pode ser separada da segunda, pessimista: o mundo no qual vivemos está dividido hierarquicamente entre aqueles que concebem e os que executam, entre quem se apropria do trabalho alheio e quem produz a riqueza social, entre quem governa e quem é governado. O mundo, infelizmente, vem sendo assim há muito tempo, mas Brecht diria, com razão, «muito tempo não é sempre».

A terceira – central para a era contemporânea – é a de que é possível desenvolver um conhecimento científico do passado para a transformação política do presente, ou seja, uma ciência e sobretudo uma práxis histórica voltadas para criticar, abolir e, por fim, superar esta divisão social hierárquica entre as classes e frações sociais de dirigentes e dirigidos. Para isso nos empenhámos a escrever esta *Breve História de Portugal*.

«Conhece-te a ti mesmo», disse Antonio Gramsci, principal expoente da filosofia da práxis, reverberando um velho adágio da filosofia clássica de Sócrates.

No seu «Caderno Onze», do conjunto de *Cadernos do Cárcere*, escritos na prisão, Gramsci defendeu que desde a mais tenra infância cada um de nós – saibamos ou não disso – somos inseridos numa «conceção de mundo» que nos ultrapassa e compreende. Todos pensam e agem sobre o mundo, mas fazem-no, em geral, sem a consciência crítica de que, na verdade, estão a tomar parte numa «conceção de mundo». Os grupos sociais nos quais estamos envolvidos ditam o ritmo da ação e do pensamento que criamos.

As alternativas são estas: abraçar desde o exterior, de modo apático e subalterno, os traços da nossa personalidade histórica, já formada de fora; ou ousar e elaborar a própria concepção de mundo, de modo consciente e crítico, isto é, em conexão íntima com a razão, reelaborar a nossa consciência e tomar parte ativa na produção efetiva



da própria história (guia de si mesmo).<sup>2</sup> Só assim poderemos adquirir autonomia moral e intelectual.

O curso da história move-se como as águas de um rio. Por vezes deixamo-nos levar por momentos de correntes rápidas, por outras, mansidão serena. Não é simples a sua movimentação. Do ritmo que marca passo até à aceleração vertiginosa, avança-se nas conquistas sociais, mas as mesmas podem regredir de forma avassaladora. Ou vice-versa. *Mas navegar é preciso.*

\* \* \*

Portugal está imerso numa das suas mais graves crises. É um país semiperiférico no mundo e marginal na Europa. Europa esta em declínio profundo, dentro de um capitalismo em crise sistémica, enquanto modo de produção historicamente constituído. Todos os indicadores alertam para uma depressão económica catastrófica e uma regressão social avassaladora. A opção pelo turismo, exportação assente em baixos salários, elevada dívida pública, ausência de controlos sobre a banca/investimentos centrais, escassez de financiamentos a uma educação e saúde de qualidade para todos, o exílio económico de centenas de milhares a cada década – inclusive dos quadros científicos e intelectuais do país – e tudo isto expresso na queda do salário médio, na imobilização da capacidade instalada, um elevado desemprego ou subemprego crónicos, ocultados com recurso a subsídios, auxílios vários, pré-reformas e «formação» socioprofissional.

Há oficialmente 47% de pobres, antes das transferências sociais, mas se usarmos os critérios de bem-estar social do século XXI, há muito mais. Quem hoje tem acesso a proteína de qualidade, férias pagas, segurança emocional (com segurança no emprego e nas reformas, para si e para os seus), direito a ter filhos e casa própria?

Portugal tem a mesma esperança média de vida do que a Holanda (81 anos, pouco mais ou menos), mas vinte anos a menos na esperança média de vida saudável face a vários países da Europa. No país, entre os 54 e os 57 anos (mulheres e homens), em média, as pessoas